

# 1

## INTRODUÇÃO

“N ão há produção que não seja produção do espaço, não há produção do espaço que se dê sem o trabalho. Viver, para o homem, é produzir espaço.

Como o homem não vive sem trabalho, o processo de vida é um processo de criação do espaço geográfico. A forma de vida do homem é o processo de criação do espaço. Por isso, a geografia estuda a ação do homem” (SANTOS, 1991, p.88).

“O homem também vai impondo à natureza suas próprias formas, a que se pode chamar de formas ou objetos culturais, artificiais, históricas. (...) A natureza conhece um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultado da cultura. Torna-se cada dia mais culturalizada, mais artificializada, mais humanizada. (...) O processo de culturalização da natureza torna-se, cada vez mais, o processo de sua tecnificação. As técnicas, mais e mais, vão incorporando-se à natureza e esta fica cada vez mais socializada, pois é, a cada dia mais, o resultado do trabalho de um número de pessoas” (SANTOS, 1991, p.89). “Primeiro, o 'social' ficava nos interstícios; hoje é o 'natural' que se aloja ou se refugia nos interstícios do social” (SANTOS, 1997, p.106).

A ação do homem na composição e produção agrícola, no tempo e no espaço, variam

em função dos processos próprios a cada produção ao nível de capital, tecnologia e organização, configurando o quadro potencial e referencial de quantidade e categorias de mão-de-obra necessárias ao trabalho agrícola. “Com a indústria, esta tendência se acentua ainda mais, graças às técnicas de que o homem passa a dispor, já que estas interferem em todas as fases do processo de produção, através das novas formas de energia comandadas pelo homem” (SANTOS, 1997, p.106).

É a partir deste referencial teórico da geografia humana que se pretende investigar e, conseqüentemente, contribuir para o estudo da relação de trabalho, o qual nessa dissertação tem por foco as indústrias processadoras de suco concentrado congelado de laranja e os volantes (colhedores), bem como, o perfil e o espaço ocupado por estes trabalhadores no Estado de São Paulo em 1994.

A laranja é uma cultura que, na década de noventa, passou a ocupar o segundo lugar na absorção de mão-de-obra volante, sendo somente suplantada pela cana-de-açúcar (BAPTISTELLA et al., 1994a). Esta cultura transformou e ainda tem transformado uma expressiva área agrícola que se estende da região de Campinas até o extremo norte do Estado de São Paulo e possui características peculiares quanto à utilização de volantes.

Para melhor entendimento da relação de trabalho neste importante setor, faz-se necessário explanar, sucintamente, o porquê de a indústria desde a sua implantação sempre ter arregimentado a mão-de-obra na etapa de colheita<sup>1</sup>.

“Quando, em 1963, foi instalada a primeira grande fábrica de suco congelado de laranja em São Paulo (SUCONASA, em Araraquara), os diretores da empresa encontraram uma citricultura já instalada (17 milhões de plantas e 21 milhões de caixas) cuja produção era destinada ao comércio de frutas *in natura* para o mercado interno e para exportação.

Uma das primeiras preocupações foi, sem dúvida, a de suprimento de matéria-prima

---

<sup>1</sup> Evolução histórica desenvolvida de acordo com AMARO (1997).

para o processamento industrial que deveria ocorrer durante alguns meses e com um fluxo diário de frutas em condições de manter as máquinas (extratoras e evaporadores) em contínua operação, ou seja, em ritmo bastante diferente daquele que se registra nos *packing-houses* voltados para a seleção de fruta fresca (Montenegro, 1958, citado por AMARO, 1997).

Houve, portanto, necessidade não só de formação de mão-de-obra nas fábricas mas, também, de ajustar um sistema de aquisição e recepção da matéria-prima. A solução encontrada foi a de valer-se da oferta a ser proporcionada por grandes atacadistas e exportadores de fruta fresca, além de algumas compras diretas junto aos citricultores, uma vez que não havia escassez na produção de laranja e os preços estavam em queda.

Como era tradicional nos meios citrícolas de São Paulo, a colheita e o transporte ficavam por conta dos compradores que selecionavam a fruta antes de ser destinada ao consumo *in natura* e enviavam o restante (em termos de aparência) para as fábricas. É óbvio também que, dependendo do pomar, a produção poderia ir direto para processamento industrial.

A falta de conhecimento do mercado por parte dos produtores proporcionou um excedente financeiro que foi apropriado pelos 'fornecedores da indústria' que recebiam um preço pela fruta posta-fábrica superior àquele pago aos produtores e mais as despesas de colheita e transporte. Tal situação, com poucas variações, perdurou até meados da década de setenta, enquanto a produção de laranja aumentava e várias fábricas foram instaladas em São Paulo.

Desde então, todas as empresas, além da Sucocítrico Cutrale e da Citrosuco Paulista, responsáveis por cerca de 60% do processamento, mantiveram a tradição de se responsabilizar pela colheita e transporte da laranja dos pomares para as fábricas, até porque precisavam oferecer aos produtores as mesmas facilidades operacionais, uma vez que havia disputa pela matéria-prima.

Essa relação bilateral entre indústria e produtores foi se intensificando à medida que eram feitos investimentos específicos e, sob certos aspectos, até facilitada, porque significativa

parcela de citricultores preferia não ter preocupações na contratação de mão-de-obra para colheita da fruta, deixando tais operações por conta da indústria, que dispunha de materiais (escadas, sacolas e caixas) e de caminhões próprios para o transporte.

Com o passar do tempo e crescente expansão dos volumes a serem processados o 'setor de suprimento ou de compras de pomares' das empresas industriais foi ganhando expressão, sendo todos estruturados com mais recursos humanos, planejamento e logística de operação, ocupando espaços que poderiam ter sido absorvidos pelos citricultores, individual ou coletivamente (cooperativas, *pools* ou grupos de venda).

Como exemplo, citem-se os prêmios valiosos que algumas empresas ofereciam a seus funcionários do 'setor de compras e suprimentos', ao final das safras, em função de melhor 'desempenho' (número de contratos fechados; menor número de reclamações dos produtores quanto à colheita; maior precisão na estimativa de produção realmente obtida em cada pomar, etc.). Com isso foram surgindo pessoas especializadas nessas tarefas e bastante requisitadas pelas empresas" (Giorgi, 1991, citado por AMARO, 1997).

Com base nesta evolução histórica acredita-se que os volantes que trabalham na colheita de laranja, por estarem engajados em um sistema eminentemente capitalista, já interiorizaram as relações de produção que esse sistema impõe, constituindo assim o que se poderia chamar de operários da indústria citrícola.

O objetivo central deste trabalho é analisar a categoria de trabalhadores volantes no espaço industrial citrícola.

Especificamente pretende-se estudar:

- a) como se utilizam os recursos humanos no processo de colheita;
- b) as relações formais de trabalho;
- c) as condições efetivas de trabalho;
- d) o perfil social dos trabalhadores volantes, como sexo, idade, escolaridade,

procedência, estado civil, número de filhos e suas aspirações;

e) como a indústria organiza o suprimento de matéria-prima; e

f) o papel do empreiteiro (turmeiro) na relação indústria e colhedor.

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa foi planejada e desenvolvida em nove capítulos.

No capítulo, a seguir, apresenta-se uma revisão de literatura enfatizando o estado da arte sobre os estudos da categoria volante.

O terceiro capítulo tem por meta apresentar a distribuição espacial da cultura da laranja no Estado de São Paulo tendo em vista as principais regiões produtoras e o destino da produção da fruta *in natura* e do suco.

A descrição tanto das etapas de investigação quanto da pesquisa de campo propriamente dita, como também as questões que compõe os três questionários - indústria, empreiteiro, colhedor - estão detalhados no quarto capítulo.

Para compor e analisar os três principais agentes que formam a relação de trabalho no setor citrícola foram elaborados os capítulos quinto, sexto e sétimo que tiveram por base as informações advindas do levantamento de campo.

O capítulo quinto foi estruturado em três partes: na primeira abordam-se as características gerais das indústrias processadoras de suco concentrado congelado de laranja, suas localizações e a capacidade de absorção de mão-de-obra volante. Na segunda discutem-se as formas de organização administrativa das indústrias e, finalmente na terceira parte, descreve-se a estrutura de colheita realizada por meio da indústria.

O empreiteiro, personagem polêmico na agricultura, foi discutido no sexto capítulo. O interesse em destinar um capítulo para descrever o perfil deste trabalhador, a forma de contrato e de pagamento, as responsabilidades e as atribuições que lhe competem frente à indústria e à turma que dirige, deu-se pelo fato de existir poucos estudos específicos sobre esta categoria.

O capítulo sétimo foi estruturado em duas partes para analisar os colhedores de laranja. Na primeira discutiram-se as condições formais e efetivas de trabalho em relação ao processo produtivo de colheita. Na segunda apresentou-se o perfil destes trabalhadores nos diversos aspectos de suas vidas tais como idade, moradia, procedência, condição familiar, escolaridade, dentre outros.

No capítulo oitavo, tratou-se das mudanças que ocorreram na forma de contrato de trabalho entre as indústrias e as categorias volante e empreiteiro após 1994.

Finalmente as considerações finais são apresentadas no capítulo nono.